O CICLO HUMANO

03.04.2022

Capítulo XIII – Razão e Religião (excertos)

SRI AUROBINDO

Poderia parecer (...) que a razão é um guia insuficiente, muitas vezes ineficiente, até mesmo trôpego e, em seu melhor, um guia muito parcialmente iluminado para a humanidade naquele grande empenho que é o verdadeiro coração do progresso humano e a justificação interior de nossas existências como almas, mentes e corpos sobre a terra. Pois este empenho é não só o esforço para sobreviver e fazer um lugar para nós próprios na terra como os animais fazem, não só, tendo-o feito, conservá-lo e desenvolver seu melhor uso vital e egoístico ou comunal para a eficiência e prazer do indivíduo, da família ou do ego coletivo, substancialmente como é feito pelas famílias e colônias animais, em colmeias ou formigueiros, por exemplo, embora se efetue à maneira mais ampla e mais complexa dos animais que raciocinam; é também, e muito mais característico de nosso elemento humano como distinto de nosso elemento animal, o empenho em chegar a uma harmonizada perfeição interior e exterior e, como descobrimos no fim, em sua altura mais alta, culminar na descoberta da divina realidade atrás de nossa existência, e da Pessoa completa e ideal dentro de nós, e no modelar da vida humana nesta imagem. Mas se esta é a verdade, então nem o ideal helênico de uma cultura global filosófica, estética, moral e física, governada pela razão esclarecida do homem e dirigida pelas mentes mais sábias de uma sociedade livre, nem o ideal moderno de uma cultura eficiente e civilização econômica bem-sucedida, governadas pela razão coletiva e conhecimento organizado da humanidade, podem ser ou o mais alto ou o mais amplo objetivo do desenvolvimento social.

O ideal helênico foi rudemente expressado na velha máxima latina, uma mente sã em um corpo são. E por um corpo são os antigos entendiam um corpo belo e saudável, bem preparado para o uso e gozo racional da vida. E por uma mente sã eles entendiam uma razão clara e equilibrada e uma mentalidade esclarecida e bem treinada –

treinada no sentido da educação antiga e não da moderna. Não era ser abarrotado com toda a informação e ideias acessíveis, jogado no molde da ciência e de uma utilidade racional, e assim preparado para a realização eficiente de necessidades e obrigações sociais e cívicas, para uma ocupação profissional ou para uma atividade intelectual; era, antes, ser aculturado em todas as suas capacidades humanas, intelectual, moral, estética, treinado a usá-las corretamente e ordená-las livre, inteligente e flexivelmente em todas aas questões e em todos os assuntos práticos de filosofia, ciência, arte, política e vivência social. A antiga mente grega era filosófica, estética e política; a mente moderna tem sido científica, econômica e utilitária. O antigo ideal acentuou saúde e beleza e procurou construir uma vida humana harmoniosa e racional; o ideal moderno coloca pouco ou nenhum acento na beleza, prefere a saúde racional e prática, a adaptação proveitosa, o mecanismo exato e procura construir uma vida humana bem ordenada, bem informada e eficiente. Ambas consideram que o homem é em parte um ser mental, em parte um ser físico, com a vida física mentalizada como seu campo e a razão como seu mais alto atributo e sua mais alta possibilidade. Mas se seguirmos até o fim as novas vistas abertas pelas mais avançadas tendências de uma idade subjetiva, seremos levados de volta a uma ainda mais antiga verdade e ideal que sobrepassa tanto o nível helênico quanto o moderno. Pois iremos então apreender a verdade de que o homem é um espírito em desenvolvimento, tentando aqui descobrir e preencher a si mesmo nas formas da mente, vida e corpo; e iremos perceber, crescendo luminosamente diante de nós o ideal maior de uma alma fundamente consciente, autoiluminada, possuidora de si, mestre de si, em uma mente e corpo puros e perfeitos. O campo mais amplo que ela procurará será não a vida física mentalizada com a qual o homem começou, mas uma nova vida espiritualizada dentro e fora, através da qual o viver interior aperfeiçoado se configura em um viver externo aperfeiçoado. Além do longo e inteligente esforço do homem em direção a uma cultura aperfeiçoada e a uma sociedade racional se abre o antigo ideal religioso e espiritual, a esperança do reinado do céu dentro de nós e a cidade de Deus sobre a Terra.

Mas se a alma é o verdadeiro soberano e se seu encontrar-se espiritual, seu progressivo cumprimento integral mais largo e mais amplo pelo poder do espírito devem ser aceitos como o segredo

último de nossa evolução, então, desde que nós descobrimos que também a razão é uma luz e poder insuficiente, deve haver uma esfera superior de ser com seus próprios poderes adequados – faculdades de alma liberadas, uma vontade e conhecimento espiritual mais altos que a razão e a vontade inteligente – somente pelos quais pode tornar-se possível ao ser humano um inteiro autocumprimento consciente. Devemos nos lembrar de que nosso objetivo de autocumprimento é um desdobramento integral do Divino dentro de nós, uma evolução completa de divindade escondida, na alma individual e na vida coletiva.

(...)

O coração mais fundo, a essência mais íntima da religião, à parte sua maquinaria externa de culto, cerimônia e símbolo, é a busca de Deus e o encontro de Deus. Sua aspiração é descobrir o Infinito, o absoluto, o Um, o Divino, que é todas estas coisas e ainda assim não abstração, mas um Ser. Seu trabalho é um sincero vivenciar das verdadeiras e íntimas relações entre o homem e Deus, relações de unidade, relações de diferença, relações de um conhecimento iluminado, um amor e deleite em êxtase, uma absoluta entrega e serviço, um lançar de cada parte de nossa existência para fora de seu status normal em uma torrente ascendente do homem em direção ao Divino e uma descida do Divino para dentro do homem. Tudo isso nada tem a ver com o domínio da razão ou suas atividades normais; o propósito disto, sua esfera, seu processo é suprarracional. O conhecimento de Deus não é para ser ganho pesando-se os frágeis argumentos da razão a favor ou contra a existência Dele: é para ser ganho apenas através de uma consagração, aspiração e experiência autotranscendentes e absolutas; nem opera esta experiência por meio de algo como a experimentação científica racional ou o pensar filosófico racional. Mesmo naquelas partes da disciplina religiosa que mais parecem assemelhar-se à experimentação científica, o método é uma verificação de coisas que excedem a razão e seu tímido alcance. Mesmo naquelas partes do conhecimento religioso que mais parecem assemelhar-se a operações intelectuais, as faculdades iluminadoras não são imaginação, julgamento lógico, racional, mas revelações, inspirações, intuições, discernimentos intuitivos que saltam para nós descendo de um plano de luz suprarracional. O amor de Deus é um sentir infinito

e absoluto que não admite nenhuma das limitações racionais e não usa uma linguagem de culto e adoração racional; o deleite de Deus é aquela paz e beatitude que ultrapassa todo o entendimento. A entrega a Deus é a entrega de todo o ser a uma luz, vontade, poder e amor suprarracional, e seu serviço não leva em consideração os compromissos com a vida, que a razão prática do homem utiliza como a melhor parte de seu método na conduta ordinária da existência mundana. Onde quer que a religião realmente encontre a si própria, onde quer que ela se abra para seu próprio espírito (existe uma profusão daquela espécie de prática religiosa que é vacilante, imperfeita, semissincera, apenas semissegura de si e na qual a razão pode insinuar uma palavra), seu caminho é absoluto e seus frutos inefáveis.

A razão tem realmente um papel a desempenhar em relação a este mais alto campo de nosso ser e experiência religiosos, mas este papel é bem secundário e subordinado. Ela não pode estabelecer a lei para a vida religiosa, ela não pode determinar em seu próprio critério o sistema do conhecimento divino; ela não pode adestrar e ensinar o divino amor e deleite; ela não pode erguer limites à experiência espiritual ou deitar seu jugo sobre a ação do homem espiritual. Seu único âmbito legítimo é explicar o melhor que possa, em sua própria linguagem e para as partes racionais do homem, as verdades, as experiências, as leis de nossa existência suprarracional e espiritual. Este foi o trabalho da filosofia espiritual no Oriente e – muito mais crua e imperfeitamente feito – da teologia no Ocidente, um trabalho de grande importância em momentos como o presente quando o intelecto da humanidade, depois de uma longa divagação, está de novo se voltando para a busca do Divino. Aqui deve entrar inevitavelmente uma parte daquelas operações próprias ao intelecto, pensar lógico, inferências a partir dos dados fornecidos por experiência racional, analogias extraídas de nosso conhecimento dos fatos aparentes da existência, apelos até às verdades físicas da ciência, todo o aparato da mente inteligente em seu trabalhar costumeiro. Mas esta é a parte mais fraca da filosofia espiritual. Ela convence a mente racional apenas quando o intelecto já está predisposto a acreditar, e mesmo se ela convence, não pode dar o verdadeiro conhecimento. A razão está mais segura quando ela se contenta em pegar as verdades e experiências profundas do ser espiritual e da vida

espiritual, exatamente como lhe são dadas, e jogá-las para dentro de uma forma, ordem e linguagem tais que elas se tornem as mais inteligíveis ou as menos ininteligíveis à mente pensante. Mesmo então ela não está realmente segura, pois ela é capaz de enrijecer a ordem em um sistema intelectual e apresentar a forma como se fosse a essência. E, quando muito, ela tem que usar uma linguagem que não é a língua própria da verdade suprarracional, mas sua tradução inadequada e, desde que essa linguagem não é tampouco a língua costumeira da inteligência racional, ela está aberta à incompreensão ou mal-entendido da razão costumeira da humanidade. A experiência do aspirante espiritual bem sabe que mesmo o mais alto filosofar não pode trazer um verdadeiro conhecimento interior, não é a luz espiritual, não abre os portões da experiência. Tudo o que a razão pode fazer é dirigir a consciência do homem através de seu intelecto e, quando ela fez isto, dizer: "Eu tentei lhe dar a verdade em uma forma e sistema que a faça inteligível e possível para você; caso seja intelectualmente convencido ou atraído, você pode agora buscar o conhecimento real, mas deve buscá-lo por outros meios que estão além de seu território".

Mas há um outro nível da vida religiosa no qual a razão poderia parecer justificada em interferir mais independentemente e habilitada a assumir um papel superior. Pois assim como há a vida suprarracional na qual a aspiração religiosa encontra inteiramente o que ela busca, há também a vida infrarracional dos instintos, impulsos, sensações, emoções rudes, atividades vitais, dos quais toda a aspiração humana toma seu começo. Também estes sentem o toque do sentido religioso do homem, compartilham as necessidades e experiência deste sentido, desejam suas satisfações. A religião inclui também esta satisfação em seu âmbito e, no que é usualmente chamado religião, isto parece ser mesmo a maior parte, às vezes para uma visão externa quase o todo; pois a suprema pureza da experiência espiritual não aparece, ou é vislumbrada apenas através desta corrente misturada e turva. Muita impureza, ignorância, superstição, muitos elementos duvidosos devem surgir como o resultado deste contato e união de nossas tendências mais altas com nossa natureza ignorante mais baixa. Aqui poderia parecer que a razão tem seu papel legítimo; aqui seguramente ela pode intervir para esclarecer, purificar, racionalizar o jogo dos instintos e impulsos. Poderia parecer que uma reforma

religiosa, um movimento para substituir uma religião amplamente infrarracional e impura por uma "pura" e racional fosse um notável avanço no desenvolvimento religiosos da humanidade. Em uma certa extensão isto pode acontecer, mas, devido à natureza peculiar do ser religioso, a seu anseio todo em direção ao suprarracional, não sem sérias qualificações, e nem pode a mente racional fazer aqui alguma coisa que seja de um alto valor positivo.

Formas e sistemas religiosos se tornam gastos e corruptos e têm de ser destruídos, ou perdem muito de seu sentido interior e se tornam enevoados no conhecimento e injuriosos na prática, e destruindo o que está gasto ou negando aberrações a razão desempenhou um grande papel na história religiosa. Mas em seu esforço para livrar-se da superstição e ignorância que se prenderam a formas e símbolos religiosos, a razão intelectual não iluminada por conhecimento espiritual tende a negar e, tanto quanto possa, a destruir a verdade e experiência que neles está contida. Reformas que concedem demasiadamente à razão e são negativas e protestadoras demais geralmente criam religiões que carecem de riqueza de espiritualidade e plenitude de emoção religiosa; elas não são opulentas em seus conteúdos; sua forma e muitas vezes seu espírito é empobrecido, nu e frio. E elas nem são realmente racionais; pois elas não vivem através de seu raciocínio e dogma que para a mente racional é tão irracional quanto aquele dos credos que elas substituem, menos ainda através de suas negações, mas sim por seu quantum positivo de fé e fervor, que é suprarracional em seu inteiro objetivo e tem também seus elementos infrarracionais. Se estes parecem à mente comum menos grosseiros do que aqueles dos credos que se questionam menos, é frequentemente porque eles são mais tímidos em aventurar-se para dentro do reino da experiência suprarracional. A vida dos instintos e impulsos em seu lado religioso não pode ser purificada satisfatoriamente pela razão, e sim sendo sublimada, sendo erguida para dentro das iluminações do espírito. A linha natural do desenvolvimento religioso procede sempre através de iluminação: e a reforma religiosa age melhor quando ela ou reilumina formas antigas em vez de destruí-las ou, onde é necessário destruir, as substitui por formas mais ricas e não mais pobres, e em qualquer dos casos quando ela purifica através de iluminação suprarracional, não por esclarecimento racional. Uma religião puramente racional poderia

ser apenas um Deísmo frio e vazio, e tais tentativas sempre falharam em alcançar vitalidade e permanência; pois elas agem contrariamente ao *dharma*, à lei natural e o espírito da religião. Se é para a razão desempenhar algum papel decisivo, ela deve ser uma razão intuitiva em vez de intelectual, sempre tocada pela intensidade e penetração interior espiritual. Pois deve ser lembrado que também o infrarracional tem atrás dele uma secreta verdade que não cai dentro do domínio da razão e não está inteiramente sujeita a seus julgamentos. O coração tem seu conhecimento, a vida tem dentro de si seu espírito intuitivo, suas insinuações, presságios, irrupções e inflamações de uma Secreta Energia, uma aspiração e distensão divinas ou pelo menos semidivinas, as quais só o olho da intuição pode modelar ou expressar. Desenraizar da religião estas coisas ou purgar a religião de quaisquer elementos necessários à sua plenitude porque as formas são deficientes ou obscuras, sem ter o poder de iluminá-las de dentro ou a paciência para esperar por sua iluminação do alto, ou sem substituí-las por símbolos mais luminosos, não é purificar, mas pauperizar.

Mas as relações do espírito e da razão não precisam ser, como elas bem frequentemente o são em nossa prática, hostis ou sem qualquer ponto de contato. A própria religião não precisa adotar como seu princípio a fórmula "eu acredito porque é impossível", ou o "eu acredito porque é absurdo" de Pascal. O que é impossível ou absurdo para a razão desamparada se torna real e certo para a razão erguida além de si mesma pelo poder do espírito e aclarada por sua luz. Pois ela é então dominada pela mente intuitiva que é nosso meio e passagem para um princípio de conhecimento ainda mais alto. A espiritualidade mais ampla não exclui ou desencoraja nenhuma atividade ou faculdade humana essencial, mas antes trabalha para erguê-las todas para fora de sua imperfeição e ignorância tateante, as transforma através de seu toque e faz delas os instrumentos da luz, poder e alegria do ser divino e da natureza divina.